

An impressionistic painting of a street scene. In the foreground, a large, vibrant bouquet of flowers in shades of purple, pink, and yellow sits on a ledge. The background shows a street with buildings, their forms softened by visible brushstrokes. The sky is a mix of blue and yellow, suggesting a bright, sunny day. The overall style is painterly and expressive.

Sussurros da Alma

Volume 2

pragnatha



SANDRA VERONEZE
Organizadora

Sussurros da Alma

Volume 2

São Paulo
Pragmatha
2025

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Diagramação: Nieli Blota Martins

Copyright: Pragmatha
Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
S964 Sussurros da alma / Sandra Veroneze, organizadora – São Paulo:
Pragmatha, 2025.
2 v. ; 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-8434-280-8
1.Poesia brasileira. 2.Literatura brasileira – Poesia. 3.Antologias. 4.Vida.
I.Veroneze, Sandra.

CDU 869.0(81)-1
869.0(81)-1(082.2)
CDD 869.917
869.9108

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Sumário

Prefácio

09

Elza Melo

- 11 *Alma colorida*
- 12 *Alma aquecida*
- 13 *Tempo*
- 14 *Renascer no amor*
- 15 *Ir contigo*
- 17 *Hoje*
- 18 *Reflexo*
- 19 *Encontro*
- 20 *Dia frio*
- 21 *Nossa dança*

Luiz Eudes

- 22 *Sussurros da alma*
- 23 *Cores e amores*
- 24 *Cores gritantes em marfim*
- 25 *Filosofia e espiritualidade*
- 26 *Vida de artista*
- 27 *Organograma*

- 28 *Homem no espelho*
- 29 *Poesia bêbada*
- 30 *Relógio derretido*
- 31 *Rostos anônimos*

Farley Lima

- 32 *Depois do fim*
- 33 *Cachos ao Vento, Meu Destino*
- 34 *Pulseiras*
- 35 *Laços invisíveis*
- 36 *Entre as pétalas do que fomos*
- 37 *Café*
- 38 *Margaridas*
- 39 *Voltaria no passado*
- 40 *Marcas e Cordas*
- 41 *E eu te vi*

Franciely Sampaio

- 42 *Lusco-fusco*
- 43 *Corrosão*
- 44 *Presa*
- 45 *Gérberas*
- 46 *(Des)andar*
- 48 *Torpor*
- 49 *Astro-luz*
- 51 *À moça bonita*
- 52 *Fácil*

Guaraci Pachú

- 53 *Outono em silêncio*
- 54 *O sol e o Poeta!*
- 55 *Nirvana*
- 56 *Canto de fé e glória*
- 57 *Amor de pedra!*

- 59 *Inevitável busca...*
- 60 *Adeus Ícaro, há Deus!*
- 62 *Quisera eu a lua*

Helena Manjourany

- 63 *Milagre do amor*
- 65 *Saudade*
- 67 *Último Natal*
- 69 *A outra face*
- 71 *Hoje foi muito especial*

Ju Armos

- 73 *Meu filho*
- 74 *Amor maior*
- 75 *Hoje*
- 76 *Janelas*
- 77 *Mãe de Deus*
- 78 *Theresa*
- 79 *Fim de ciclo*
- 80 *Mimetismo*
- 81 *Tatuagens*
- 82 *Califórnia Blue*

Marilu F Queiroz

- 83 *Inspiração*
- 84 *O mundo de nós dois*
- 85 *Meu eu*
- 86 *Tesouros*
- 87 *Eu... Natureza*
- 89 *Da minha janela*
- 90 *Humanidade*
- 91 *Querer sempre mais*
- 92 *O que sou*
- 93 *Corpo e mente*

Vera Lucia Soares Feijó

- 94 *Respeitável público*
- 95 *A bailaria*
- 96 *Vim dizer que te amo*
- 97 *Sábio é quem cala*
- 98 *Respeito*
- 99 *Abraço*
- 100 *Procurando você*
- 101 *Um, dois, três*
- 102 *Chão farroupilha*
- 103 *Homenagem à poesia*

Alexandra Vieira de Almeida

- 104 *O pescador e o mar*
- 105 *De teus lábios*
- 106 *Minha casa*
- 107 *Vento*
- 108 *Dormindo no verbo*
- 110 *A serenidade do zero*
- 111 *Baco*
- 112 *O tropel dos cavalos*
- 114 *A mecânica da palavra*

Prefácio

Este é um livro que pede calma, pausa, silêncios. Ele não nasce de palavras, mas de sussurros. É o espaço da entrelinha, da subjetividade, que conta e canta o que vem da alma. Porque assim é a poesia. Ela não se impõe, não grita. Não desta vez. Aqui, ela se assemelha ao rio que, em sua sabedoria, desde a nascente vem observando, aprendendo e se adaptando ao caminho, para cada vez ficar mais forte, pleno, pujante, e então se integrar ao mar, ao todo.

“Sussurros da Alma” não é uma carta, mas um bilhete. Não é uma sinfonia, mas um breve dedilhado ao violão. É a casinha no campo que a cada estação experimenta uma luz diferente e faz morada para o simples do cotidiano. Este livro chega como um toque leve, suave, que honra as delicadezas.

O convite é para uma leitura pausada, sem pressa, à moda dos antigos sábios, que para cada minuto de leitura dedicavam mais nove à reflexão. Porque é neste espaço que a vida acontece, que a alma se encontra e vibra. E porque foi com esta entrega que cada um dos poetas escreveu e (talvez) reescreveu cada verso.

Desejo uma excelente leitura

Sandra Veroneze
Pragmatha



Alma colorida

Elza Melo

Quando andei dentro de mim
Tive a certeza de que minha alma
Tem variados tons
É uma espécie de arco-íris
Com formato de flores
Vi também que ela possui
Diversos amores impregnados em si
Sou uma mistura
Das variadas ancestralidade
Que escrevem minha história
Sou presente e também memória
Tenho sangue caboclo e indígena
Sou afrodescendente de consciência e raiz
Nasci forte, corajosa e feliz
Tenho o amor marcado em meu peito
Carrego no coração o respeito.

Alma aquecida

Elza Melo

Eram as primeiras horas do dia
Tudo nublado
Madrugada chuvosa e fria
Mas dentro de mim amanheceu verão
A frieza do inverno
Não esfriou meus sonhos
Nem congelou meus sorrisos
Minha alma acordou aquecida
De bons sentimentos
Iluminada como os raios do sol
A chuva lá fora esfriou o tempo
São gotículas mágicas
Que caem do céu lavando as decepções
Renovando a terra
Mas dentro de mim
O amor segue aquecendo minha alma
Como um dia quente de verão.

Tempo

Elza Melo

O tempo...
Ainda que seja invisível
Ele passa todos os dias por nós
Deixa marcas nos sonhos
Na pele, alma e coração
Acompanhá-lo é tarefa difícil
O ser humano dorme
O tempo não
É incansável
Traz à tona todos os dias
Apenas as sementes plantadas pelos caminhos da
nossa existência
O tempo passa como águas correntes
Mesmo possuindo o poder de modificar o corpo
A alma responde sorrindo
Que viver é um milagre
Que desafia o próprio tempo.

Renascer no amor

Elza Melo

Não sei quantas vezes
Já morri de amor
Sei que de todas elas
Renasci melhor
Mais forte...
Desenhada de sentimentos adocicados
Renasci das cinzas
E amei outra vez
Amo todos os dias
Só assim vejo o colorido da vida e dos sorrisos
Já morri de amor
De tantas maneiras...
Olhando pro céu
Numa noite que só as estrelas me olhavam
Dentro de um abraço
Onde só o meu coração me ouvia
Sonhando acordada
Imaginando que poderia
Amar outra vez
Renasço no amor
Pra ser feliz minha vida.

Ir contigo

Elza Melo

Quero ir contigo
Além das noites estreladas
Das manhãs invernosas
Das taças de vinho
Das juras de amor
Quero ir contigo
A lugares onde a brisa é suavidade
Onde nossos abraços
Sejam laços de carinhos e afetos
Onde meu desejo é luz
Que invade teu olhar
Com meus doces sentimentos
Quero ir contigo
Além da vida
Onde possamos nos envolver
Pela boca e pela alma
Um lugar mágico
Onde nossas mãos possam se atrelar
Nosso amor se revelar
Onde o toque da nossa pele
Seja de frêmitos e delírios
Quero ir contigo

Até onde o vento faz a curva
Onde a lua adormece
Onde eu possa falar tua língua
Com os beijos meus
Alcança-me então
E faz de mim tua musa mulher
Rainha dos teus sonhos e desejos.

Hoje

Elza Melo

Hoje cedo
Logo que acordei
Senti teu cheiro
Vindo da brisa da manhã
Quando olhei pro céu
Vi teu sorriso
Em forma de nuvem
Teu olhar
No reflexo do sol
Hoje cedo
Quando vi o dia tão lindo
Percebi que é mais um dia que te amo.

Reflexo

Elza Melo

Nas noites silenciosas
Desse inverno suave
Sempre me encontro
No reflexo do espelho da sala
Fico minutos admirando
Meu próprio olhar...
Viajo pelos detalhes
Que desenham minha íris
É fascinador...
Tudo que vejo pela janela da alma
Traz de volta nostalgias
Saudades, sonhos e alegrias
Em frente ao espelho
Existe apenas uma mulher
Que se recolhe pra dormir
No reflexo desse espelho
Vejo a imagem de alguém
Que amo, admiro e cuido
Uma mulher sonhadora
Que pelos caminhos existenciais
Tem orgulho do seu próprio eu
Ainda que a chuva esteja forte lá fora
Aqui dentro ela descansa
Pra acordar gratidão.

Encontro

Elza Melo

Noite de luar
Deixei pelo chão
Flores, fitas e vestes
Olhei pro céu
Desenhei tua alma no centro da lua
Vi tua beleza nua
Sem sombras, sem manchas
Desenhada nas minhas curvas
Beleza que desperta aromas
Suaviza e tonifica
As cores das minhas madrugadas
Noite de amor, encantos e sonhos
Cantei para ti meus poemas
Letras e versos
Eu te contemplando
Nós nos amando
Noite de lua cheia
Noite que as almas apaixonadas
Se encontram pra jurar amor.

Dia frio

Elza Melo

A frieza do tempo
Deixou nossa noite afetuosa
Os pingos da chuva
Fizeram canções de amores
Uma orquestra na noite silenciosa
É inverno...
A chuva traz doces inspirações
Traz vinho e aconchego
Deixa o mar em fúria
O vento uma loucura
O chão encharcado
Nosso ninho bagunçado
Transborda rios
Provoca arrepios
Agita os arvoredos
Assanha nossos cabelos
Mas aqui dentro
Ah, aqui dentro!
Nosso silêncio é sussurrado aos ouvidos
Nossos corpos procuram calor na pele
Nosso barulho é feito com os toques das mãos
Nosso inverno é abrasador
Reflexos de um dia frio.

Nossa dança

Elza Melo

Era uma madrugada
Quente e ardente
Sem pressa e à meia-luz
Te abracei com meus olhos
Te envolvi pleno em meus braços
Ao som de um violino
Com morangos e vinhos
Dancei pra você
Meiga, lenta e faminta
De amor, carinho e aromas
Teus toques, delírios e encantos
Eram caminhos extasiados
Deixaram rastros em mim
Como perfume de rosas vermelhas
Sussurrei aos teus ouvidos
Narrando a voz do meu prazer
Lancei meus olhares
Nessa frenética espera
E suave entrega
De uma noite que começou
Com uma dança suave
Lua e estrelas
E acabou ao som no nosso amor
Uma orquestra louca
De beijos, suores e desejos.

Sussurros da alma

Luiz Eudes

Sussurros de gelatina,
flutuam em um mar de estrelas,
ao tempo em que as sombras dançam,
e o queijo faz piruetas,
um espelho risonho reflete
os segredos de um polvo falante.
A alma se despedaça,
em mil fragmentos de fogos de artifício,
caminhos de papelão
se entrelaçam com nuvens de sorvete,
um carrossel de sentimentos
onde os peixes voam em balões.
Um relógio derretido canta,
os girassóis conversam
sobre o que é ser livre,
em um mundo de espelhos quebrados,
cores servem chá para a lua
e os lápis dançam tango.
Palavras abraçam o vento,
como fios de uma teia de aranha,
segredos de areia no laboratório,
enquanto o tempo gira,
um carrossel de ideias,
a verdade como um sonho esquecido.

Cores e amores

Luiz Eudes

Cores e amores em arco-íris,
enquanto os relógios derretem,
em lagos de chocolate,
onde os sapatos falam,
e as estrelas se vestem de azul.

Um coração de papel machê,
pintado com risadas de abacaxi,
voa em um balão de gás hélio,
e os pássaros escrevem sonetos,
em letras de fogo e mel.

Amores que se misturam,
como tinta em um copo quebrado,
num quadro impressionista
os pincéis se apaixonam,
por nuvens em piruetas.

Cores berrantes em um carnaval,
onde a tristeza se disfarça
de palhaço em um sapato gigante,
e os corações pulsam em ritmo,
como tambores de um desfile,
na avenida da vida sem fim.

Cores gritantes em marfim

Luiz Eudes

Línguas de serpentes dançam,
sussurrando em vozes de papel,
borboletas de som flutuam
entre os dentes de um piano quebrado.

Um arco-íris de sílabas,
canto de pássaros em revoada,
um balde de estrelas caindo,
a gramática embriagada em vinho de literatura.

Palavras saltitantes deslizam
como peixes em um rio de melodia,
um dialeto de nuvens e chuva,
tecendo histórias do povo.

Cores gritantes em grafite
dançam na maré de vozes,
poesia, grito, uma canção,
carnaval de expressões.

Filosofia e espiritualidade

Luiz Eudes

Tigelas de estrelas,
um gato que lê Nietzsche
sob a luz de um balão rosa,
o tempo se estica
como um elástico em chamas.

Caminhos tortos de areia,
onde a verdade se esconde
em buracos de coelhos,
e as perguntas dançam
como folhas em um vulcão.

Um espelho quebrado reflete
segredos de almas em festa,
a essência de um perfume invisível,
e o infinito se espatifa
em mil pedaços de gelo carmim.

Relógios derretendo em prateleiras,
silêncio que se despedaça
como vidro colorido no chão,
onde o nada é um amigo,
navegando no oceano do pensamento.

Vida de artista

Luiz Eudes

Cores gritam em espirais,
pássaros de papel dançam
na chuva de tinta,
um relógio derretido,
a lua faz malabarismos.

Sons de garrafas quebradas,
um pincel se desata,
nuvens de algodão doce,
mergulhos em mares de vidro
onde peixes pintam o céu.

Raios de sol em forma de espaguete,
sombras em paredes de sonhos,
um chão de chocolate,
passos de notas,
mil pedaços de confetes.

O artista ri,
perdido em labirintos de ideias,
cascatas de pensamentos,
deslizando por entre mundos,
onde nada faz sentido.

Organograma

Luiz Eudes

Flechas em folhas de papel voadoras,
labirinto de linhas tortas,
onde os peixes falam em hierarquias,
e os cangurus pulam entre níveis.

Um sol de post-its brilha,
na sala de reuniões do absurdo,
onde os gatos são gerentes,
e as plantas discutem estratégias.

Cores berrantes em gráficos,
pirâmides de sonhos empilhados,
foguetes que decola
em direção a um universo paralelo.

Tabelas que se despedaçam,
em confetes de papel picado,
sorvete derretido esticado no tempo,
como chiclete em uma boca de criança.

Homem no espelho

Luiz Eudes

Um homem no espelho,
desenha dragões de papel,
enquanto os relógios riem,
saltando em cima de bolhas,
um chapéu de palha voa,
sobre mares de chocolate.

Imagens de risadas quebradas,
um gato de botas de veludo,
revela segredos ao espelho,
e as paredes contam piadas
sobre a cor das nuvens,
cada uma, um poema de espuma.

Olhos como janelas de tempestade,
sorrindo para sombras de absurdos,
a realidade se estica,
como um elástico em festa,
e os sentimentos se vestem
com trajes de carnaval.

Poesia bêbada

Luiz Eudes

Um balão de gás hélio flutua,
cantando fados em uma língua estranha,
a lua pinta o chão de prata,
e os peixes dançam valsa no ar,
com pequenos chapéus de festa e sorrisos.

Relógios giram como carrosséis,
em um parque de sonhos perdidos,
onde as árvores têm vozes de crianças,
contando histórias de dragões de papel,
e o vento traz risos de pipoca.

Um sapato solitário canta blues,
na esquina de um mundo de geleia,
enquanto as estrelas jogam dominó,
e a realidade se estica como um elástico,
um arco-íris de absurdos em cada esquina.

Cores se misturam em um copo,
e a imaginação faz coquetel,
cada gole é um verso de vida,
sabores de mel e laranja,
neste universo de sonhos bêbados.

Relógio derretido

Luiz Eudes

Um elefante de chapéu de palha,
samba no telhado de sorvete,
laranjas cantam canções de ninar,
e nuvens fazem malabarismos,
com estrelas em suas mãos de algodão.

Um relógio derretido toca bossa nova,
no canto de uma sala de espelhos,
onde os cangurus jogam xadrez,
e as girafas leem poesias,
em um mar de gelatina de morango.

As flores dançam com um vento de risos,
pintando o chão de arco-íris,
enquanto uma abelha de terno azul
faz discursos sobre a vida,
e a chuva cai em forma de confete.

Barco de papel navega num lago de chá,
onde os peixes são filósofos,
e cada gota é um sonho,
um poema escrito na superfície,
onde as rãs tocam flauta e tambor.

Rostos anônimos

Luiz Eudes

Na multidão, rostos anônimos se cruzam,
expressões vazias, histórias não contadas,
um universo em silêncio,
gestos, fragmentos de dor e esperança.
Caminham sem destino,
como sombras projetadas na calçada,
enquanto o tempo dissolve suas identidades.
A cidade pulsa, indiferente,
as luzes piscam sobre a pele cansada,
o vazio grita com força insuportável.
São vidas entrelaçadas,
a conexão é um fio tênue,
um fio que se rompe ao menor toque,
deixando apenas ecos de solidão.
Cada rosto carrega um fardo,
segredos emaranhados na memória,
sorrisos forçados,
lágrimas guardadas para a escuridão da noite.
E assim seguimos,
navegando em um mar de indiferença,
procurando significado em rostos anônimos,
esperando que, em algum momento,
a luz da compreensão ilumine o que está oculto.

Depois do Fim

Farley Lima

Parei de ofertar canções ao vento,
de semear versos no peito de ninguém.
O amor — aquele antigo deus — caiu.
Virou poeira nas colunas do tempo.

O jasmim, outrora sol no quintal da alma,
murchou antes do orvalho.
A laranjeira, cansada de esperar mãos gentis,
desistiu de florir na primavera.
A tartaruga dos séculos — mito ou saudade —
afundou-se no esquecimento do mar.

Lisboa deixou de ser farol,
tornou-se miragem num mapa rasgado.
E o “nós”, que tanto cultivei,
se despedaçou no silêncio do espelho.

Agora é o eu.
O eu contra a maré,
contra os portos que fecham,
contra a esperança que parte sem bilhete de volta.

Cachos ao Vento, Meu Destino

Farley Lima

Nos meandros dos teus cachos, me perco
Cada curva, um labirinto de beleza sem fim
Teus olhos, estrelas que brilham em verso
E teus lábios, melodia doce que flui em mim

Teus cachos dançam ao vento, em festa
Como ondas do mar, embalando meu olhar
E em cada sorriso teu, meu coração protesta
Por querer sempre ao teu lado estar

Tua beleza, um mistério encantado
Reflete a luz do sol em cada fio dourado
E, ao te ver, meu mundo é transformado
Num universo de sonhos, delicado e amado

És musa, inspiração de minha poesia
A personificação da arte em cada dia
E no entrelaçar dos teus cachos, minha alegria
Encontro o amor, eterno, em sinfonia.

Pulseiras

Farley Lima

Azul e amarelo no pulso entrelaçados,
cores que dançam como sonhos dourados.
Entre contas de coco, o tempo repousa,
lembrança que vibra, simples e formosa.

Feitas de mãos, de afeto e caminho,
guardam promessas, passos e carinho.
Cada cor um sentir, cada conta um querer,
vestem o pulso com jeito de viver.

E quando o sol toca o azul do mar,
o amarelo sorri, começa a brilhar.
Na dança das cores, o mundo se faz,
e as pulseiras contam histórias de paz.

Laços invisíveis

Farley Lima

Então alguém me disse:
E por meio de um laço,
Te encontro no espaço,
Nossos destinos entrelaçados
Com destinos distintos.

Mas mesmo que o mundo gire ao avesso,
Mesmo que o tempo tente nos soltar,
Há um fio que insiste, em silêncio,
Em nunca deixar de nos ligar.

É invisível, mas o sinto em cada gesto,
Em cada ausência que grita teu nome,
É como se a alma soubesse —
Que é tua, mesmo que o corpo não some.

Eu te amo, e sei:
Seja qual for o caminho ou estação,
Esse laço que não se desfaz
É o mapa do meu coração.

Entre as pétalas do que fomos

Farley Lima

Um dia, plantei um jasmim
no quintal da alma, sem saber —
que flores tão pequenas
guardam perfumes eternos.

Ela veio como o orvalho vem:
sem prometer, mas tocando fundo.
Fez do peito um jardim,
e da ausência, um inverno mudo.

Na dança do tempo, colhi espinhos,
mas o cheiro doce ainda persiste.
Não por saudade do que era,
mas pela beleza que ainda existe.

O jasmim não me fala de volta,
mas exala memórias no ar.
Não peço mais primaveras com ela —
só guardo as que aprendi a cuidar.

Hoje senti sua falta,
não como quem quer de volta,
mas como quem reconhece:
algumas flores, mesmo que caídas,
ensinam a alma a florescer.

Café

Farley Lima

No tempo certo, a água irá tocar ao pó,
Assim, revela o aroma que vem do grão
Tudo na vida é espera e fogo
Nem tão cedo demais, nem além da razão.

O amargor não é defeito,
É a marca do que foi bem passado.
A doçura se escolhe, mas já a essência...
Essa já vem no resultado.

A fumaça sobe e dança no ar
Assim como os sonhos no primeiro gole.
O café esfria, o tempo passa,
mas seu gosto sempre irá nos escolher.

Margaridas

Farley Lima

No campo onde o tempo repousa,
nascem margaridas sob o sol gentil.
Branças vestes, alma formosa,
dançam no vento de abril.

Não pedem aplauso nem fama,
brotam livres, sem temor.
Têm no silêncio quem as ama,
e, no simples, todo o amor.

São cartas que a terra escreve
com ternura em cada cor,
mensageiras de algo leve:
esperança, calma, flor.

Voltaria no passado

Farley Lima

Voltaria no passado, sim,
não pra mudar os passos,
nem reescrever os laços —
mas pra sentir de novo
o calor do teu abraço.

Confesso, não trocaria nada,
nem os dias bons, nem as dores,
mas daria tudo agora
pra ouvir sua voz dizendo
meu nome entre os amores.

Queria, só por um instante,
sentir de novo a calma
do seu amor me inundando
como naquela noite vazia
em que teu olhar era poesia.

Marcas e Cordas

Farley Lima

As cordas gritam sob seus dedos,
rasgam o silêncio, impõem presença.
O arco raspa, risca o espaço,
violino e violinista — um só aço.

A tinta cravada em sua pele
não é adorno, mas história exposta.
Cada traço, um pulso vivo,
cada acorde, um grito em resposta.

Ela não toca — ela domina.
O som não flui — ele se impõe.
O violino não chora — ele rugue,
ecoando a força que dela explode.

E eu te vi

Farley Lima

E eu te vi desaparecer,
sumir por trás das montanhas,
levada pelo vento,
envolta no abraço do horizonte.

O mar te guardou em seu fim,
a estrada desenhou teu adeus,
e ali fiquei, vazio,
emoldurado pela ausência.

Teu nome sussurrado pelo vento,
ecoando entre as ondas,
um lamento doce,
um adeus sem retorno.

Cada passo teu,
uma despedida lenta,
um pedaço de mim se desfazendo
na distância que nos separa.

E enquanto o mundo te leva,
eu permaneço,
amando o eco do que fomos,
esperando que o vento me traga você de volta.

Lusco-fusco

Franciely Sampaio

Dos maiores pesadelos,
As madrugadas.
Falantes,
me envolvem na pouca luz
Dum passado gelado
Que ainda arde
Entendo pouco do que me assombra
Quase nada.
Mergulho em lençóis finos
Na esperança de qualquer coisa
Algo que me acorde
Ou, na dormência,
Me (e)leve.

Corrosão

Franciely Sampaio

Eu costumo me atrapalhar com as palavras
Costumo trocar letras, significados
Costumo dizer as frases só até a metade,
porque, às vezes, nem eu acredito nelas
e ouvir o eco é...
Costumo dizer muitos *nãos*
Não no momento certo
Costumo me desconsertar, me desentender
Sobretudo comigo
Algumas frases ressoam infinitamente
Eu ouço tudo
Sei de tudo
ou quase
De mim
Por isso escrevo.

Escrevo o meu medo de sentir tudo de novo
Escrevo a sensação dessas lágrimas insistentes
Escrevo o que não consigo falar
Eu não sei falar.

O tempo das desculpas me esgota.

Presa

Franciely Sampaio

Na chuva que cai
Me aborreço com as memórias
Com o tempo
Com a alergia que chega mansa
Com o frio que abraça
Com a gripe que me espera
E retorno às memórias
E às perguntas...

Paro no semáforo que grita
Com aquele vermelho doído
Com o som da freada
Com o olhar assustado
Paro. Tenho parado.
Tenho mantido os pés firmes
Nas vontades absurdas
Que a cidade não contempla

E chove.
Enfeito as olheiras com rímel
Corro com os pés encharcados
— Habilidade inefável dos lisos!
Ouço a rua que reverbera
Vejo os clarões atravessarem as gotas
Enquanto atravesso a vida
Nos pingos das horas.

Gérberas

Franciely Sampaio

Gira-cor
Gira-céu
Gira-mundo
Tudo no mesmo lugar
Encontro tuas gérberas naquele buquê
Que não era pra mim
Ri de amor
Beije teus olhos
E nos próximos passos ouvi teu “te amo”
Eu sei.
Rezo em teus sonhos, por eles
Acolho as dores num silêncio fúnebre
Calada, exposta, muda poesia
Sentir tua beleza longínqua é quase alento
Amo, também!
Nas cores diárias
No sorriso cotidiano
Daqui.

(Des)andar

Franciely Sampaio

Dum trajeto dolorido
O cansaço dos fios
O formigamento nas costas
A pressão nas pernas
Um frio sofrido...
O cuidado no ajeitar da poltrona
Os assuntos que nunca cessavam
As gargalhadas pelos mais variados motivos
Simples, bonito

Foi macio...
Risos de canto de boca me tomaram
Atenta ao céu
Impressões limpas a cada piscada
O vento brincava com as nuvens
E os riscos brancos me mostravam o clarão
O brilho esverdeado dos olhos do outro lado do carro
O cantarolar de uma música confusa
Os sorrisos atentos
A gentileza, o carinho
A boa sensação de chegar
A manhã continua linda...

Traçar ruas tão antes conhecidas
Evocar as lembranças daquelas calçadas
Sentir as borboletas esbarrando na minha fome
– Voltaram acompanhadas! –
Um pão de queijo cairia bem, mas precisava esperar
O céu continuava a brincar com as nuvens
O vento, agora confortável, me acalentava o rosto
O pescoço, as costas
Já não doíam
As pernas... Ah!
Não contam tanto
Aquele bom sentimento...
Bom,
Bem bom!

Torpor

Franciely Sampaio

Intenso.

Naquele que congela

Vem de dentro

Ensaio um suspiro

Rego as maçãs do rosto

Navego por mares possíveis em mim

Impassível, sensível me mantenho

Alcanço os lábios

Sopro...

Astro-luz

Franciely Sampaio

“Oh boa noite pra quem é de boa noite”

“Oh bom dia pra quem é de bom dia...”

Bom dia!

Bom dia caloroso

Com cheiro de café

Cidreira e limão

“Dona(s)” de sorriso largo

Olhar cativo

E dum brilho...

Donas... Dona!

Ela

De carne

Veia

Sangue

Luta

Fio de navalha que corre solto

Um que vai e só

E afeta

Como afeta

Afeta

Enfeita

Roda

E como roda
Anos de rodar e afetar
Astro-luz
Que roda mundo em terra batida
Dona Astro
Que guiou e guia, brilhando,
Os que ficaram em carne
Descansa
Descansa que a luta continua
A sua, a nossa... continua.
Seguimos em movimento.

À moça bonita – por minha conta – que vi na praia da Barra

Franciely Sampaio

Toda ela
Que brilha em cor
Em espaço
Do laranja que absorve
Do castanho que reluz
Esse contraste verde-musgo/cinza
Mais cinza
Me retém
Mantém
No livro que lê
Na água de coco que me seca a boca

É lindo te conhecer
— Conhecer por minha conta, também
É lindo encarar o mar que te tem nos olhos
Se pudesse fotografaria
Você deitada com esses pezinhos pra cima
Uma bolsa com detalhes em amarelo
Amarelo
A leitura
O vento que atrapalha
Bom,
Fotografei
Em mim
No papel

Fácil

Franciely Sampaio

não
comigo é fácil
sou aquele fácil difícil de acreditar
de engolir
sou fácil
sem freio
sem drama
sem paciência
nesse primeiro momento
com poucas palavras
sem curiosidade
sou fácil de agradar
é só fazer bem
mesmo (n)o silêncio

hoje,
a intensidade
é dor

quando parecer pouco
e comum
 agradeça

nada é.

Outono em silêncio

Guaraci Pachú

O desejo impulsiona as águas
A abandonar a nascente...
Em uma descendente mergulham...
Cortam-se nas pedras,
Sangram em gotas por todo caminho...
Mas nada muda seu destino...
Querem ver o mar.

O desejo é o amor gritando,
Quer romper a carne.
É a semente que vence a terra,
Mesmo quando há escombros
Ou está ressequida,
Triste, e até devoluta,
Cercada de espinhos,
Nada pode impedir...
Ela vai brotar.

Mas tem vezes que o desejo se cala...
Passa a ouvir a saudade...
A respeitar a distância...
E nesse dia o rio humildemente transborda...
Foge dos olhos...

A semente agora também murcha...
Em seu berço eterno descansa...
E eu observando tudo...
Sentindo calado...
É... Chegou outono...
Apenas escrevo...

O sol e o poeta!

Guaraci Pachú

Era doce a tristeza vespertina,
Ver o sol vermelho tombar no horizonte,
Prisioneiro ao desejar tocar a noite,
Condenado à agonia de só sentir seu perfume.

E de repente cantou a brisa
Enfim a noite desperta...
— É o sol batendo a porta?
— Não, só o besouro que tropeçou na janela,
Restava embaçada marejada de orvalho.

O fogo cedia ao frio,
Encantos de uma fada perversa,
O poeta, como o sol, se abraça à vida,
Deixando o tempo se perder na pressa.

Desejos, espólios, fagulhas de uma estrela cansada.
Razão de promessas nunca cumpridas.
Por fissura, trocou o pão por um simples caderno,
Flagelo eterno de só com letras tocar sua musa.

Nirvana!

Guaraci Pachú

Era noite, mas havia luz,
Intensa como o silêncio,
Razões todas ali,
Vazios que me transbordavam.

A paz reinou sem disputa.
Nada fez mais que sentido.
A vida...
A morte...
Apenas existo.

Canto de fé e glória

Guaraci Pachú

Eu verei meu Senhor!
Vindo sobre as nuvens,
Ou com Ele sobre as nuvens virei.

Eu verei meu Senhor!
Ainda que eu tombe nas batalhas,
Que Ele me levante vitorioso,
pois por mim Ele venceu!

Eu verei meu Senhor!
Quero sentar-me com Ele à mesa,
Ao lado do que fora coxo e do cego,
Do feto frágil e indesejado,
Que, após ser julgado,
Mesmo sendo inocente,
Por um júri cruel e incoerente,
Gritaram: Matem-no!
Assim... condenado.... pereceu...
E com eles outros tantos que também não foram
amados,
Mas, agora, todos alegres encontraram consolo no
bom Pastor.

E com eles cantarei um novo cântico:
Seja bendito o cordeiro santo,
O que fora morto, mas ressuscitou...
Ao que vive e reina para todo o sempre!
E conosco anjos e toda alma vivente digam AMÉM!

Amor de pedra!

Guaraci Pachú

Sim, era apenas uma pedra,
Que como um pássaro almejou a liberdade.
Não queria mais conter o barranco,
Preferiu a sorte solta na estrada...
Agora, livre, serviu de tropeço.
Por medo se escondeu no sapato,
Arremessada, quebrou a janela,
Desesperada...
Aprendeu que pedras não sonham,
Seu destino é um barranco qualquer.
Convenceu-se de que pedras não servem para nada...
Até que um dia alguém disse para ela:
— Sabe, também existem dias felizes!
Tem pedras que são mós de moinhos,
Neles o homem tritura o trigo,
Dá pedra saí o pão,
Com este pão se mata a fome.
Tem pedras que sofrem em silêncio,
Até esquecerem seus sonhos,
São trituradas com areia e cimento,
Mas é com esse concreto que se fazem as casas.
Algumas pedras tem rara beleza,

Por Deus foram agraciadas,
E por brilharem feito estrelas
Foram cravadas em ouro,
São adornos das realezas.
Mas tu, ó pedra!
Melhor será teu destino.
Tu vais parar em um peito,
Vou te chamar de seta — Disse o cupido!
E com ela flechou o coração vazio do poeta,
Que agora novamente inspirado volta à vida!

Inevitável busca...

Guaraci Pachú

Eu queria falar desta fome infinda,
Que varre o peito e desenterra a alma nua.
Retratar em prosa ou versos os motivos infames
Que nos trazem à vida.

Ah Deus! Queria eu avisar a juventude,
Escrever-lhes um mapa abreviando o caminho,
Antes que fossem devorados pelo desejo de ter o outro
Mas já é setembro...
E a primavera roubou-lhes a inocência.

Plantemos agora os sentimentos,
Deixemos, pois, que as águas movam os moinhos...
Talvez, assim, o inverno não seja tão frio,
E a saudade levada pela brisa encontre seu destino...

Agora, será o amor o desterro que todo coração busca,
Solitário, feito para alimentar um corpo,
Mas que, insensatamente, insatisfeito, insano,
Tentará alimentar outro.

Adeus Ícaro, há Deus!

Guaraci Pachú

Pseudônimo: Noitescomsol

Era quase um sonho...
Um delírio crescente que me alentava,
Com a doçura dos favos moldei minhas asas,
Com as penas que implorei
Não usurparia ser um anjo,
Nem um pássaro,
Mas... Humildemente... Imitá-los...

Muitos espinhos havia ali,
Cresceram nos escombros das paixões que nunca
morreram.
Cacos...
Correntes...
Fantasmas de amores...
Assombrações...
Jamais esquecidas...

Montanhas que me perfaziam,
Me transpassavam.
Sentiam prazer com meu cativeiro,

Sua loucura sobre mim onipotente,
Tinham um único desejo:
Me manter vivo...

No meio da noite não murmurei,
Fechei os olhos...
Vi a esperança.
E do labirinto corri para o sol,
Tendo como testemunha a linda alvorada.
À beira do abismo havia o vazio,
E no imenso infinito eu vi Deus!
Com Ele não havia anjos...
Apenas eu, Ícaro...

Quisera eu a lua

Guaraci Pachú

Ah! Quisera eu ter simples palavras...
Para dar a entender aos iletrados,
A expressão da força que me impulsiona...
E responde por mim enquanto escrevo estes versos...

Quisera eu ter nascido primeiro...
Para ter descrito o que não pode ser dito,
Falado deste sonho imortal que toda alma busca,
Antes mesmo que o limbo tivesse existido...

Não a abandonaria neste negrume infinito.
Eu teria bradado em versos as estrelas!
Acolheria em meus braços,
Montado em uma carruagem de nuvens...
E, assim, não vê-la minguar de tristeza.

Todo dia seria sábado, toda tarde vermelha!
E se chuva caísse de teus olhos... Eu juro!
Do mais alto cume trovaria o que sinto,
Arrancaria meu coração do peito, e te esconderia lá dentro.

Vestir-me-ia de melancolia florida,
Roubar-te-ia da terra, provocaria um eclipse eterno,
Dar-te-ia todo calor do meu corpo,
Queria, somente, ser seu sol...
Quem dera tu, a lua, ser minha!

Milagre do amor

Helena Manjourany

Um disco solitário na vitrola,
lembranças, saudade.
Janelas abertas, ar sufocante,
prenúncio de tempestade.
Apenas o relógio irritante
marcando as horas sem fim.

Virou-se igual uma ninfa.
Seio desnudo, alvo e brilhante,
mamilos salpicados de suor,
que escorre lento, sem pressa,
à espera de alguém, talvez,
ou cansado da própria espera.

Sobre o colo alvo e molhado
mãos deslizam febris ao
encontro do sagrado cálice.
Quentes, ardentes, ansiosas,
trêmulas, ali permanecem.
O pensamento longe se esvai.

*Distante de ti enlouqueço!
Teu perfume inebria-me,
e, sem teu amor, eu pereço.
Beberás em outros cálices?
Dúvida atroz, aterrorizante.
E este vazio eu não mereço.*

*Meu rei, meu dono! Sou tua.
Diamantes, rubis, pérolas,
ou até mesmo a distante lua,
nada significam sem o teu calor.
Vem! Preciso do teu corpo,
sacia minha fome de amor!*

*A música para! Eis o amado!
A cruel espera chega ao fim.
No leito, entre os alvos lençóis
O amor transborda! Clímax!
Atmosfera cintila com mil sóis.
Os dois sucumbem! Êxtase, enfim.*

Saudade

Helena Manjourany

Soltei as amarras! A jangada sulcou
as ondas de um mar encapelado.
Tentei as cordas do mastro central
com as forças do meu frágil corpo.
Tentei gritar, porém, à água salgada
meus pulmões sufocaram.
Tentei vislumbrar o farol norteador.
A escuridão era densa demais.
Tentei ouvir a voz amada
que havia partido no dia anterior.

Tentei em meio à tempestade
avassaladora algum som de vida.
Tentei resgatar em minha memória
algum mal por mim cometido..
Tentei, mas as ondas insaciáveis
Meu sofrido ser envolveram.
Minhas mãos, dormentes pelo frio,
tateando às cegas encontrou o mastro.
Jazia tombado sem a sua fiel amiga:
a branca vela, levada pelo vento.

Um leve torpor invadiu meu corpo.
Agora era somente eu e essa dor.
As lágrimas, feito uma cascata
pela minha castigada e sofrida face
ao penetrar pela minha boca,
iam salgando minhas entranhas
como se fora o próprio oceano.
A alma rasgada qual a vela branca.
Tentei seguir em frente
com a saudade do eterno amor.

Último Natal

Helena Manjourany

Cabelos ao vento,
tez dourada pelo sol
em pleno doce verão.
Tantas coisas pra falar
num curto momento.
Teus brejeiros olhos
refletiam as palmeiras
da praia do Laranjal.
Coração repleto de amor
naquele dia de Natal.

As ondas, doce afago,
teus pés beijavam
e maliciosas também
os meus afagavam.
Lembranças felizes
de distante passado.
A pequena palmeira
guardou em segredo
nossas belas iniciais.

Alma e espírito presos
com algemas da saudade,
enigmas de uma vida
que mil voltas deram
rolando pela estrada.
Medo, tristezas, solidão,
grades na minha sacada!
Luzes piscam na cidade.
Aqui dentro lembranças
daquele último Natal.

A outra face

Helena Manjourany

Tarde fria, gelada.
O minuano cavalga
solitário nas esquinas
da cidade sombria.
Muitos se aquecem
em volta do fogão,
outros, enrodilhados
em cobertores surrados
com o amigo cão.

O inverno chegou
e está avisando:
“Cuidado, crianças,
idosos e jovens.
Não estou brincando!
Toucas, chapéus, luvas,
mantas e casacões,
abandonem os armários.
Sejam solidários.”

Sua dona não precisa?
Diga adeus para ela.

Seu dono tem um novo?
E daí? Alguém te quer.
Unam-se! Vocês são fortes,
quentes e amorosos.
Encontrem novos amigos.
Eles irão agradecer
do fundo do coração.

Esta é a outra face:
uns aquecidos no fogão,
outros no chão.
O jornal que queima
acendendo o fogo
também é forro
do colchão na laje
fria da estação.
O que não serve para uns,
para outros é a salvação.

Hoje foi muito especial

Helena Manjourany

Entre flores e sorrisos partilhados,
o tempo pareceu suspenso,
celebrando a jornada percorrida
e os laços que apenas
se fortalecem com os anos.
Caminhar trôpego sem pressa
não é mais bípede
com a bengala prateada
parece uma figura etérea
entre o céu e a terra
sob seus pés flores amarelas
da árvore que um dia
com mãos trêmulas plantou.
A emoção do amor contido
somente por sentir o calor
da respiração ao seu lado
a promessa quem sabe
do beijo há tanto esperado
foi o primeiro quem sabe!
Ou apenas ficou na lembrança
esse com as flores amarelas.
Curva-se, ao pegar a flor

aquecida pelo calor do cimento
estremece, sente o torpor
aquecendo seu frio corpo
na esperança do reencontro.
Segue o mesmo caminho
Com uma luz diferente.
Por entre as flores amarelas
O reflexo de duas sombras
de mãos firmem entrelaçadas

Meu filho

Ju Armos

O tempo rendilhou com esmero
Os véus que cobrem ou desnudam
Este incondicional e perene amor.
Vívidas, chegam doces lembranças
De um dia longínquo... sagrado cavaleiro
De um imaginário zodíaco teatral.
Espadas de Jiraya revolucionavam
E brilhavam no escuro corredor....
Rasgava a pele da incauta princesa
Fantasiando um resgate salvador...
Coração materno persegue o tempo...
Se entenece com a visão dos olhos teus.
Já não mais um menino afoito
Suspende, fácil, o peso meu.
Não cabem mais personagens infantis.
Personificas hoje todo o sonhado
E o único desejo que sejas muito feliz
Na medida exagerada com que és amado.

Amor maior

Ju Armos

Chegar de mansinho em teu altar
E aspirar celestiais perfumes...
Ver em cada rosto a tua face.
Mesma emoção quando vejo o mar
E aspiro ser, de outros seres, porto e lume.
Perceber que a esperança renasce!
Meu Criador e Senhor de mim
Apenas Tu vês meu coração.
Te inclinas, amoroso e compassivo
Ouvindo o humilde pedido de perdão.
Me aceitas integral, de qualquer maneira.
Acalenta minha alma o teu amor maior,
Afugentando a menor ou maior dor
No consolo que jorra em oração
No teu chamado de uma vida inteira!

Hoje

Ju Armos

Clareou o sol de mais um dia.
Único em possibilidades,
Pleno de esperanças,
Ainda virginalmente em branco
à espera do meu texto.
Que contenha doses de alegria.
Que para alguém eu dê felicidade.
que eu aprenda como criança
A vivê-lo plena, e grata, e encantada.
Dentro de um vital contexto,
Mais um dia é menos um dia...
E cada um, uma preciosidade.
Que eu não o desperdice.
Que todos sejam lições...
Que continue semeando doces lembranças
E todos sejam prenúncio de eternidade.

Janelas

Ju Armos

Nas janelas cerradas de uma alma ainda criança
Aprisione o teu riso de natalinos sinos,
A bondade amorosa do teu olhar
E teu beijo transbordando afeto, na lembrança.

Das tuas mãos relembro todo o carinho
Pródigo no proteger, acolher e afagar.

Quisera descerrar as janelas desta alma!
Renovaria com certeza a esperança
De um dia, por inesperados caminhos,
O universo conspirasse, e com calma,
Eu pudesse novamente te encontrar!

Mãe de Deus

Ju Armos

A lua se debruça sobre o rio
De si mesma eterna enamorada.
Fria e estrelada noite
Que não cansa
E que jamais atrasa.
Fecha a porta!
Apaga a luz!
Esqueça o cansaço da jornada.
Descansa a alma!
Médicos gentis minoram dores
Renovando esperanças.
Enfermeiras solícitas e atentas
Criam asas...
Apenas flutuam
Na maciez das madrugadas.
Até que o inspirador da vida
Abra a porta,
Traga luz,
Adoce a alma
E nos leve, finalmente,
De volta para casa.

Theresa

Ju Armos

Por muito tempo quis te ofertar, em poesia
Palavras belas e sinceras que diriam tudo;
A importância que tiveste na minha vida
E do maternal bem querer que me fez teu existir
Mas o poema fugia sempre na maresia.
E o tempo escoou doído em saudades.
Até que numa madrugada de silêncio e chuva
Te senti comigo, amorosa e forte como escudo.
E percebi que somente quando te reencontrar
Estará completa esta rara e perfeita jornada.
E brotou pronto um poema pleno de verdades.
Porque, em vida, o escrevermos a quatro mãos,
Em cada abraço, em cada olhar que nos bastava.
Tecido esse elo inquebrantável que nos uniu
Te oferto hoje o fruto dessa amorosa conexão.

Fim de ciclo

Ju Armos

Deus criou um paraíso.
Ao homem cabia fazer bom uso.
E, vivendo, usufruir de toda criada beleza
Com bom senso, respeito e cooperação.
A ganância fincou suas garras.
Extrapolaram limites, cometeram tortezas.
O céu chorou. E águas romperam os limites.
A humanidade sofreu e alguns pereceram,
Mortos pela doença, perda de bens preciosos
Gerando, indistintamente, muita dor.
Que a lição tenha sido aprendida.
Ressurgida das águas a esperança,
Sejam lembradas as bíblicas lições.
“As muitas águas não puderam apagar esse amor
Nem os rios afogá-lo...”
Há que fazer com a natureza uma nova aliança.
Pela sobrevivência do humano,
Amar ao próximo
E garantir futuro seguro para as crianças.

Mimetismo

Ju Armos

Ficar bem quieta
De canto
Espalhada e confundida
Em azaleias,
Invisível para quem passa
(e passa um mundo
Em um instante...)
Insensível pra o que perpassa
(e perpassa a espada afiada
De frágeis desencantos...)
Sem mais propósitos.
Deixando passar o viável,
O indelével, o indecifrável...
Jeito único encontrado
Para silenciar enfim os sentidos,
Aquietar descompassos,
Ouvir o que é preciso...
Só evitando o inevitável!

Tatuagens

Ju Armos

Borboleta que no quadril repousa
Não tem flor onde pousar.
Um só voo... trêmula ensaia
Aguardando o meu andar.

Colibri em teus sonhos paira
Exausto deste eterno andarilhar
Leva beijos molhados nas asas
Minúsculo e preso no teu olhar.

Translúcida em minha mente voa
Na teia do vértice de norte a sul
Que no calor congela e no frio abrasa
Desejos e sonhos traçados no céu azul.

Mariposa em busca de terna guarida
Retorna de fortuitas fugas ao mar.
E vai, em ilusório labirinto, perdida,
Na palma da tua mão descansar...

Califórnia Blue

Ju Armos

Sempre tu, não anunciado
Que chega de leve e me envolve toda
E nestes momentos (in)desejados,
Invado parte dos teus dias.

Te dou meu riso claro e fácil,
Meu olhar de mormaço
Em tuas alegrias amendoado,
Pequena mulher sendo menina
Preenchendo todos vazios espaços.

Transformados nestes dias,
Somos teia e mariposa,
Palco e bailarina,
Árvore e pássaro.

Me trazes o fôlego...
E te deixo de mãos vazias
Quando, de verdade, só queria,
Te prender por longo tempo
E ouvir o mar num só abraço.

Inspiração

Marilu F Queiroz

Quando começo a escrever, algo mágico ocorre...
A mente se enche de versos, como flores no jardim.
Uma centelha acende, e o meu coração agradece
e a inspiração brota, suave, como um belo jasmim.

Sinto um sussurro doce, que vem devagarinho...
Cada palavra escrita contém um pedaço de mim.
É a musa que chega, preparada para me orientar
e, no papel, emoções dançam, um balé sem fim.

O coração é quem pulsa, em cada linha traçada...
Os versos nascem fortes, repletos de amor e dor.
A emoção transborda, como uma precisa aquarela,
e cada rima é um eco do que pressinto, com fervor.

A luz que me guia é intensa, como o sol a brilhar...
Cada estrofe escrita se torna um instante precioso.
Ilumina a escuridão, onde muitos versos vão morar
e transforma pensamentos em poemas radiantes.

Assim, crio os meus poemas, com carinho e precisão,
quando cada poema nasce, sinto uma alegria imensa.
Permito que a inspiração conduza cada concepção...
como se o mundo todo coubesse numa só sentença.

O mundo de nós dois

Marilu F Queiroz

O mundo de nós dois...
um modo de pensar sincero
compreensão mútua,
carinho recíproco.

O mundo de sonhos...
povoado de música,
habitado pela noite esguia,
alegrado com a lua de prata.

O mundo de rosas vermelhas...
de luzes que percorrem velozes
as barreiras intatas, intransponíveis,
da realidade humana.

O mundo dos seus olhos e dos meus,
povoado com o seu sorriso e o meu.
Um calor melódico, unísono...
um mundo de você e eu!

Meu eu

Marilu F Queiroz

No silêncio da noite, busco meu ser...
Em sombras antigas, o meu eu só cresce,
ecoam lembranças de tempos passados,
sonhos perdidos e muitos desejos alados.

No reflexo do espelho, enigma profundo...
Nos olhos que fitam, um mar quase infinito.
Percorro caminhos e minha alma aquieta,
sinto vida pulsante, que em mim se projeta.

Nas batidas do coração, o ritmo constante...
A melodia da vida, sempre muito pulsante.
Ah o vento... ele sussurra segredos eternos,
e, no meu âmago, encontro os meus infernos.

Mas ao longe vejo na luz, num brilho sutil...
Toda a esperança renasce, em doce alegria.
Sou eu, mais forte, um ser total e singular,
Neste poema, meu eu tão íntimo a revelar.

Tesouros

Marilu F Queiroz

No quintal, muitos tesouros para descobrir...
A infância vivida com tanta alegria e fervor.
Cacos de cerâmica, com suas cores a reluzir,
era a coleção, preciosa lembrança de amor.

Tempo de inocência, risada franca e solta...
Desenterrava sempre segredos do passado.
Brincadeiras simples, alma pura, mas revolta
em cada fragmento, havia conto encantado.

Revisito o jardim preservado na memória,
protegido com carinho, em meu castelo...
Onde a riqueza era a minha maior glória,
cacos de cerâmica, tesouro muito singelo,

Nostalgia que sempre me aquece o coração...
Quintal cheio de brincadeiras, risos e alegria.
Saudade da infância feliz, é a doce sensação,
e os cacos de cerâmica é que narram a poesia.

Eu... Natureza

Marilu F Queiroz

Sou como rouxinol
Voo pela atmosfera.
Canto mares e prados,
sigo rumo distantes
Pouso em firme estrela...

Sou como vampiro
Vago em caverna escura
Procuro em vão o eclipse
No abismo de minha alma
Mas só vejo estalactites...

Sou como cachoeira
Me despenco do rochedo
Esparramo, espirro dos lados
Mas caio segura em meu leito
E sigo rumo afora.

Sou tudo isso...
Sol, poeira cósmica, céu
Ciclone, oásis, tâmara
Sou toda natureza, sou distante.

Fiz-me vulto de ilusões fracassadas,
sol de ténue brilhar.
Objeto de paixões enlaçadas...
No doce verbo amar.
Doce espera essa que agita
as folhagens verdes
do meu caminho...

Da minha janela

Marilu F Queiroz

Da minha janela sempre vejo,
a sensacional imediatez dissimulada...
em tons de cores que encobrem
mil amores que descobrem,
o real valor tonal por ela estipulada.

Da minha janela sempre vejo
a natureza imprimindo cores, desinibida
fazendo no céu e nas águas, seu bailado...
Pincelando cores lado a lado,
essa pintora tão notável e exibida!

Da minha janela sempre vejo
esse espetáculo tão maravilhoso...
sou privilegiada eu sei e reconheço,
por essa paisagem desde que amanheço,
que comigo Deus foi carinhoso!

Humanidade

Marilu F Queiroz

O que acontece com a humanidade?
Contenção, deterioração, falta de amor...
O certo é que impera a maldade,
A não qualidade de vida, dissabor.

O que acontece com a humanidade?
Prevenção, falta de atenção, muita dor...
O errado é imperativo, não há caridade,
Atitudes que trazem muito rancor.

O que acontece com a humanidade?
Falta de ensino, incentivo nem valor...
Carente de atenção, estrutura, integridade,
Que trazem para a sociedade só amargor.

O que acontece com a humanidade?
Empobrecida de valores morais é inferior...
Sem amor familiar nem solidariedade,
esmaece toda a estrutura e perde o fulgor.

O que acontece com a humanidade?
Corrupção, violação, não se pune o infrator...
Politicagem, bandidagem é contra a dignidade,
Castigada, desrespeitada pelo transgressor.

Então o que será da humanidade?
Tão carente, oprimida, já tão sem valor...
mudanças urgentes e vitais na sociedade,
podem reverter esse quadro assustador!

Querer sempre mais

Marilu F Queiroz

Na quietude de minha alma...
Caminho melhor e seguro, não há.
Paciência e certeza de ter paz,
comigo mesmo e a vida...

Mas isso não basta, quero mais!
Se meus sonhos não se realizam...
E meu querer seja relegado,
esquecido e largado, como seria?

Desejar felicidade a qualquer custo,
como imposição à minha vida...
É requisito básico, sobrevivência,
utopia, querência a todo preço.

Não é assim... querer sempre mais...
Se torna ruim, intolerável, pesado.
Felicidade é troca, via de mão dupla.
É bom sentir, pois é simples e de graça!

O que sou

Marilu F Queiroz

O que sou, meu corpo sabe...
As consequências dessa longa estrada
falam de mim as ações, contradições,
enfim, a urgência primordial de minha alma.
O que sei é que seguir essa longa trilha
até chegar aonde estou, exigiu calma....

Sou a consequência do que não planejei
e lutei para conseguir, meio relutante
entre poder estar presente e o querer
ausente, dos meus anseios e devaneios.
Na vida segui obstinada no desejo de ser
entre a escrita, a arte e a sobrevivência.

A vida me levou enérgica e possessiva,
pelo caminho que mais tarde virou paixão.
Fiquei, estudei, misturei os meus sonhos
e faço tudo junto, união de desejo e profissão.
Me enveredei pelo ofício de despertar sensações
e a contemplação entre a realidade e ficção.

Corpo e mente

Marilu F Queiroz

Meu corpo e mente são fragmentos
Esvaídos, que me induzem a decisões,
reflexos contidos em meus sentimentos...
Acalentados pelo sabor de ilusões.

Meu corpo e mente, estarecidos...
Simplificam necessidades efêmeras,
Despejam no ar certas divergências,
Que juntas me deixam emudecido.

Meu corpo e mente, tão sonhadores...
Perfazem o longo caminho eloquente,
Dos meus doces sonhos, cujo desvio
É longo, espinhoso e inconsequente!

Enfim, meu corpo e mente, juntos...
Mostram a subjetividade da vida inteira.
Perfaz a estrada que me é oferecida,
Encharcada da paz, tão sorradeira!

Respeitável público

Vera Lucia Soares Feijó

Respeitável público!
É assim que descortina-se
O picadeiro da vida.
Em cena o povo, em situação delicada
Fruto de uma sociedade despreparada

É o povo em comunhão
Pedindo por mais proteção
Por mais sim do que não
Por saúde, educação
Por um mundo mais são

Respeitável público!
Vamos todos à lida
Fazendo de cada situação vivida
Um motivo de vitória
Pois quem luta recebe a glória

Respeitável público!
Aplaudam
Somos nós
São vocês
Somos todos unidos outra vez.

A bailarina

Vera Lucia Soares Feijó

Tão pequenina e graciosa
Dança a bailarina
Um, dois, três
Vai girando outra vez

Tão pequenina e infantil
Dança a bailarina
Pisando em um céu de anil
Assim tão pequenina e gentil

Dança, dança bailarina
Gira na ponta do pé
Com jeito de menina
E a graça de mulher

Quisera também dançar
E sobre o mundo pisar
E lá do alto poder contemplar
A dança do amor se propagar

Quisera ser bailarina
Tal qual aquela menina
Tão graciosa e gentil
Que a todos encanta
Com seu jeitinho infantil.

Vim dizer que te amo

Vera Lucia Soares Feijó

Eu vim dizer que te amo
Vim dizer que não te esqueço
Um dia
Um minuto
Um instante
Como a mais fiel das amantes

Te amo e grito aos quatro cantos
Te aguardo
Te guardo em mim
Como um caminho sem fim
Não resisto aos teus encantos
Vem!
Te quero tanto

Eu vim dizer que te amo
Mesmo que minha voz não te alcance
Mesmo que não haja mais romance
Fica em mim a lembrança
Do teu sorriso de criança
Do teu beijo ardente
Que jamais sairá da minha mente.

Sábio é quem cala

Vera Lucia Soares Feijó

É sábio aquele que cala
Pois a ignorância alheia
Devasta, enuvia, escurece
Pessoa assim ninguém merece

Sábio é aquele que cala
Que vê o desatino
Que percebe o lançar do veneno
E que se mantém calmo e sereno

Sábio é aquele que cala
Que não se desvia do caminho
Mesmo com o empurrar de mansinho
Daquele que não tem amor ou carinho

Sábio é aquele que cala
Que ora
Que tem dó
Daquele que só enxerga a si só.

Respeito

Vera Lucia Soares Feijó

Quem respeita o outro
Tem caráter
Quem se coloca no lugar do outro
Tem resiliência
Tem virtude, sapiência

Quem respeita alguém
Revela o dom do querer bem
Quem respeita sem vaidade
Revela o dom da caridade

Quem respeita com amor
Revela a vontade
Sublime do Criador.

Abrço

Vera Lucia Soares Feijó

Um abraço apertado
Unindo dois corações em laço
Colando pedaço a pedaço

Abrço gostoso, caloroso
Passagem de energia boa
Até parece que nossa alma voa

Um abraço
Uma guarida
Laços de luz
Para toda vida

Um abraço cura a solidão
Unindo com amor
Todos em um só coração

Dê um abraço divino
Use a sua sensatez
Pois você pode não ter outra vez.

Procurando você

Vera Lucia Soares Feijó

Eu procuro você
Nas rua, na multidão
A saudade me consome
Sofre demais meu coração

Te espero a cada noite
Lembro teu corpo lindo
Queria você pra sempre
Amo ver você sorrindo

Procuro em cada rosto
Onde está você?
Meu coração quer te encontrar
Mas por onde procurar?

Um, dois, três

Vera Lucia Soares Feijó

Um, dois, três
É nós chegando outra vez
Para fazer melhor o que já se fez

Um, dois, três
É nós mudando a história
Enchendo nossa vida de glória

Um, dois, três
É nós trazendo a fé
Para todos que não sabem o que é

Um, dois, três
É nós de coração
Trabalhando para nossa evolução

Um, dois, três
É nós chegando outra vez
Terminando com a estupidez

Um, dois, três
Erguendo a espada
Para limpar a caminhada.

Chão farroupilha

Vera Lucia Soares Feijó

No tilintar das adagas
Lutas guapas e sangrentas
Se entreveraram nos matos
Chimangos e Maragatos

De tanta peleia a vitória
Nasceu este chão farroupilha
Semente que na terra se enfreia
Que não deve negar o sangue farrapo na veia

E de vitória em vitória
Este povo escreveu sua história
Povo do Sul, calejado
Que deixou no Brasil, o Rio grande marcado

Terra de Bento Gonçalves
De grandes heróis e heroínas
Que deixaram em sua trilha
A História Farroupilha.

Homenagem à poesia

Vera Lucia Soares Feijó

Falar de sentimentos
De encontros e desencontros
De dor, de amor de encantos

Tudo cabe dentro de um verso
Pois transmite emoção
Falando coisas do coração

Poesia é flor
Poesia é amor
Poesia é dor

É música
Que se espalha no ar
Fazendo todos dançar

Só o poeta pinta
Com palavras bem escolhidas
Produzindo a tela da vida.

O pescador e o mar

Alexandra Vieira de Almeida

Os murmúrios das ondas martelam
molhando os lençóis amarelados
de areias mescladas em branco e preto

Vaga a grande asa do barco no ar
e o céu escurece as ondas do mar
indo o rastro do mastro diluir-se

Moroso o pescador move o leme
sem medo do vento ventando alto
busca o consolo do leito límpido

E ruidosas as águas o bebem
sorvendo o seu sossego no mar.

De teus lábios

Alexandra Vieira de Almeida

De teus lábios,
a doçura de um minotauro acovardado
O laço que nos prende
comove todas as alcovas do mundo
De teus lábios,
a morte que inebria como uma taça de vinho raro
Flores envergonhadas pelo vento
vêm cantar a memória de nossos corpos
A vela não se apaga após três doses de sombras
No desenho de teus lábios,
a figura de um rubi quebrado ao meio.
A floresta lá fora
assusta as feras de teus sonhos de madrugada
Estirpe rara de nosso sangue matrimonial,
de teus lábios, vês correr o sangue fatal do sono tranquilo.
O céu ameaça atacar todos os desejos cerimoniais
De teus lábios, jaz o dilúvio de um encontro não marcado
De teus lábios, inscreve-se a palavra ignota
de meus anos de espera mal calados
pela esfera incandescente da noite.
De teus lábios, atiras-me no abismo
de monstros e assombrações
De teus lábios, a morte não encontra refúgio
De teus lábios...

Minha casa

Alexandra Vieira de Almeida

Fiz da minha casa uma floresta
em que nutro sementes e canções novas
com a água do destino.
Nas paredes brancas da mente
acendo fogueiras que acalentam
os sonhos dos homens.
Mas minha casa não tem paredes
No conhecimento que se abre
de meu corpo em riso sereno
fundo novos ritos e danças acromáticas, homeopáticas.
A cura que perfura a mão ofertada
inaugura a sede constante das chuvas.
No chão da casa encontro
pisadas de pequenos seres
que direcionam meu gesto
ao sol de um novo mundo
Minha casa tem pianos
com teclas de livros da natureza
que segredam o silêncio do sagrado.

Vento

Alexandra Vieira de Almeida

Cerejas escondidas no vento
Explodem sóis na sua testa
tentando avisar aos seres
da escuridão que habitará o vento.
Vento nas vias da lua
atijando memórias de flores murchas.
O farol ao longe ilumina o vento vadio
que corre para lá e para cá sem destino certo.
Dos cachecóis do vento vejo a velhice
a naufragar sonhos da infância nas estrelas.
Vento ventando na janela
esperando a moça fiar sua linda história.
Vento que habita o corpo
assaltando sem espera os olhos
da névoa e da mágoa.
Ventos que batem no trecho do mar
elevando a voz dos peixes e amortizando vícios.
O vento na asa da gaivota
trazendo a esperança dos pequenos.

Dormindo no verbo

Alexandra Vieira de Almeida

Dormindo no verbo
logaritmo do vazio
espera o anoitecer em branco.
Entre a verdade e a palavra
escolhe as letras equilibristas
que morrem no abismo.
Mesmo o atalho para as pedras
o fez vacilar entre o gesto e a crença.
Saliência de palavras
que mancha o papel taciturno.
Na noite esquelética
os livros dão carne para os outros
ávidos por dançar no salão da matéria.
O verbo se fez carne
a matéria se fez palavra
prestes a preencher
a vida dos outros
inimigos da sombra
que se desfaz em sonho.
Dorme na coagulação do sangue
corpo que se move no vazio
da atmosfera escassa do osso
Carnaliza os vazios da noite
para se fazer dia do verbo encarnado.

Dorme, dorme
e espera
na entrega do verbo
para os outros com insônia.
O verbo se preenche de carne
manchando as páginas em branco
que esquálidas, tiram a fome
de anos e anos de espera.

A serenidade do zero

Alexandra Vieira de Almeida

Deus não está somente na esquerda nem na direita
Do zero proveio à multiplicidade dos outros números
Na confusão das formas
Das línguas das religiões
Precisamos voltar à fonte
À origem sem nome
Ao vazio primordial
Sem o dualismo do bem e do mal
Sem som sem sabor
Sem perfumes ou cor
O sol clarifica as formas
Nos faz vez a ilusão da dor
Como voltar à nulificação da cor
Sem transparência ou escuridão
Nem luz nem trevas
O caminho é o sem caminho
O vagar nem no ponto nem na linha
Nem no círculo, circunferência ou centro
Ser sem teto bordas e tintas
Nem céu nem inferno
Nem em cima nem embaixo
Nem cá nem lá
O zero em sua solidão não se identifica
O grau zero da serenidade
O divino em pleno despertar.

Baco

Alexandra Vieira de Almeida

O vinho tinto da noite sã
atirava seres para a glória do mundo
No erotismo ácido das estrelas
colho o sumo da terra negra

Os cabelos soltos pressagiam um naufrágio
As páginas ainda estão molhadas de sono
É necessário o subterfúgio do prazer
que coloca a dor no seu verdadeiro
lugar mundano

A aventura da escrita
é percorrer as pupilas negras da noite
e acobertar os corpos
no abrasamento das chamas

Baco, diga-me
se nesta noite vaga
vaga a lua em meu peito inerte
se a cor noturna engrandece
os poetas na sua viagem rumo ao mistério.

O tropel dos cavalos

Alexandra Vieira de Almeida

I

Meus versos são indomesticáveis
Como o tropel dos cavalos
Sobre as faces frias das páginas em branco
Meu rubor renasce com a rota múltipla
Com que cavalgo as lâminas mortais do medo
A coragem é ultrapassar o lado obscuro da chama.

II

Meus versos são do mundo
Com eles navego as águas tortas do caminho
Não é um mero aplinar das coisas gastas
Mas cavalgar o animal que há em mim
Prestes a alcançar o infinito e as faces mortas.

III

Percebo que o tropel é verdadeiro
Margeando as faces esquálidas do papel
Trazendo-lhes harmonia e ritmo
Onde antes eram o desassossego e a violência.

IV

A canção de outrora aquece meu saber
Na expiração do gesto expurgo os fantasmas da vida

O tropel se escraviza pelos espaços vazios
Da brancura imaculada que serpenteia meu fogo interior.

V

Tudo se esvai nas letras mortas da vida
Uma ciranda de tropéis cavalga meu destino
Que é feito de pedra e lama
Busco sonhos impossíveis
Como a arca com tesouros de chaves e segredos.

VI

Não descubro os olhos dos véus das letras
Antes me escondo na caverna dos sentidos
Faço-me de morto
Quando na realidade a imortal chama
Balança no meu peito de poeta.

VII

O tropel dos cavalos não se amaina
Descubro que estão cegos de tanto poetar
Na varanda ácida da memória
Que se esquece das surpresas gritantes
Os meus versos se desesperam na hora fatal
Em que a chama de dentro se apaga na noite escura.

A mecânica da palavra

Alexandra Vieira de Almeida

A máquina do mundo
abriu um leque para o poeta.
Seus escritos arredondam o mundo mais ainda
fazendo girar a rotação do tempo presente.
Em oferta, diz em segredo
as coisas arrebatadoras do caos.
Afundando nos raios trepidantes de
uma lamparina mágica
o desejo de crescer na chama nauseante de um sol.
Claudicante, o poema navega no mundo
e colhe o sumo dos mistérios.
A mecânica da palavra
não se satisfaz com o sorriso de lua.
O poeta quer o fogo do astro-rei dentro de si
perfurando seu corpo
para trazer a experiência imemorial do instante.
A máquina do verbo
fabrica auroras e seduz crepúsculos antevendo a
submersa subversão da língua que morde as
amoras de um tempo
feito uma orquestra de palavras mudas.

Quem somos

Alexandra Vieira de Almeida é professora da Secretaria de Estado de Educação – Rio de Janeiro. Foi tutora a distância durante oito anos da faculdade de Letras do Consórcio Cederj/UAB – UFF. É doutora em Literatura Comparada pela UERJ. Concluiu um pós-doc na UnB e está com outro em andamento na PUC-Goiás. Tem oito livros de poemas publicados, sendo o mais recente, *A mecânica da palavra* (Editora Penalux, 2022). Tem poemas traduzidos para vários idiomas. O cântico de Medusa é seu primeiro livro em prosa – contos e crônicas (Editora Penalux, 2024). Lançou também em 2024 seu primeiro livro de microficção, *50 microcontos e minicontos: a relojoeira do abismo* (Litteralux). Tem poemas traduzidos para vários idiomas e um conto traduzido para o francês.

Elza Melo é bacharel em economia, analista contábil, escritora paraense da cidade de Capanema, mais 15 anos de experiência literária, Membro Titular da Academia Capanemense de Letras e Artes – ACLA, publicando seu terceiro livro autoral, *Levezas Que Embalam a Alma*. Os dois primeiros foram *Amor de Poesia* (2021) e *Mulheres e Sonhos Que Habitam em Mim* (2023), ambos pela Editora Pragmatha. Tem participações em Antologias, plataformas digitais, premiações nacionais e internacionais. Possui uma grande paixão pela escrita, suas poesias são na maioria líricas e revelam sua maneira de olhar a vida; são envolventes e intensas. Foi reconhecida por isso, recebendo com muita honra, em maio/2025, o 1º Lugar no quesito

Biografia Literária - Feminina Região Norte, no III Prêmio Inspiração – Paraíba. Seus livros têm sido bem aceitos, levando-a a buscar, a cada dia, novas criatividades para as minhas escritas.

Farley Lima - “Sou Farley, tenho 22 anos e curso Física — eu sei, parece distante da poesia. Mas foi entre fórmulas e silêncios que descobri palavras que me traduzem. A poesia virou meu abrigo, meu modo de sentir o mundo com mais verdade. Escrevo para me entender, para tocar o outro, para não deixar passar o que pulsa. E aqui estou: transformando sentimento em verso, e vida em papel.”

Franciely Sampaio, 33 anos, natural de Aracruz/ES. Formada em Dança Contemporânea e Teatro, seu trabalho solo consiste na união dessas duas vertentes, e, paralelamente, dedica-se à Literatura. Escritora por paixão, teve desde sempre sua vida vinculada à escrita, com contos, crônicas, romances e poemas. Publicou textos no site Recanto das Letras (2010-2023), no Caderno Literário Pragmatha (ed. 2013-2021), pela Editora Pragmatha (SP), e mantém seu blog literário. Após algumas publicações e participações em coletâneas, lançou, em 2021, seu primeiro livro “Anfêmer(a)”, pela Editora Pragmatha (SP). Seu último trabalho foi no livro de sinopses dramatúrgicas do Grupo Teatro Luz & Cena (RS), 2025.

Guaracy Pachu - “Nunca tentei ser poeta, apesar de ter escrito um livro. A verdade é que a poesia é ingrata comigo, oras ela vem, entra, senta, fala... Mas nunca fica. Fazendo mea-culpa, oras finjo que não ligo, às vezes também a ignoro como se ali não estivesse. Sei que as nossas diferenças nunca foram suficientes para uma ruptura, mas também sei que nossa comunhão não definiu meu destino. Apenas a amo, simplesmente a amo, e talvez ela também sinta o mesmo por mim. Meu nome é Guaraci Pachú, sou Teólogo, Psicanalista e Advogado, às vezes poeta.”

Helena Heloisa Manjourany Silva, natural de Pelotas. Cronista, contista, historiadora. Professora de História e Educação Artística. Começou a publicar seus textos somente em 2010. Colaboradora do Diário Popular e Diário da Manhã. Participa de várias coletâneas nacionais. Vice-presidente do Centro Literário Pelotense. Acadêmica da Academia Internacional de Artes Ciências e Letras de Cruz Alta, tendo como Patrona Magda Costa. Acadêmica tesoureira da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Louenciana, ocupando a cadeira nº 4 tendo como patrono a poeta Mimi Caringe. Acadêmica honorária da Academia Pelotense de Letras. Premiada em concursos literários: Menção Honrosa 200 Anos de Pelotas com o conto A Guardiã, pela Academia Pelotense de Letras. Troféu Águia de Ouro pela Academia Pelotense de Letras por destaque em literatura. Troféu Águia de Ouro pelo 1º Lugar no concurso literário com o conto Adeus Ano Velho Feliz Ano Novo. Premiada pela Estância da Poesia Crioula com a pesquisa histórica: Tropeirismo. Responsável pela página do CLIPE aos Domingos no Diário da Manhã. Conselheira do segmento de Literatura no CONCULT. Acadêmica efetiva da Academia Pelotense de Letras, cadeira número 1, patrona Magda Costa. Em 2025, assumiu a presidência do Clipe, de Pelotas/RS.

Ju Armos (Jucélia Maria Bastos Armos) nasceu em Triunfo/RS no dia 18/05/57. Formada em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC/RS. Aposentada do Tribunal Regional Federal da 4ª Região. Por muitos anos, sócia do Grêmio Literário Castro Alves, em Porto Alegre, onde fez parte da diretoria. Como autodefinição, o que consta nas redes: Amante de animais (pássaros especialmente), do mar, da lua e de gente Paz&Bem. Pacifista e sonhadora. Mas... proativa e impaciente. Já não escreve tanto quanto antes, o que não a impede de pensar. E, em algum momento, esses “pensares” transbordam...

Luiz Eudes é de Sátiro Dias, Bahia. Escritor, roteirista e especialista em Teoria Literária. Organizou e participou de antologias no Brasil, em Moçambique e em Portugal. Autor de

infantis, contos, novelas e romance (publicados também em Portugal, em Angola e na Itália) e poemas. Sócio de algumas academias de letras e recebeu algumas homenagens.

Marilu F Queiroz é publicitária, escritora e aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP. Associada REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, EUA, França, Itália e Suíça.

Vera Lucia Soares Feijó é jaguareense, mas adotou Sapucaia do Sul/RS para fixar residência. É professora de História, pós-graduada em Pedagogia, com formação como Gestora pela UCPEL de Pelotas. Foi jornalista e redatora do Jornal A Folha de Jaguarão, onde publicava seus contos e poesias. Publicou o livro “Parnaso Espiritual”, uma coletânea de poemas. Teve vários contos premiados nas esferas municipal e estadual.

